

# NOTÍCIAS DE GUIMARÃES

SEMANÁRIO DEFENSOR DOS INTERESSES DO CONCELHO

Redacção provisória :  
R. Francisco Agra, 63—GUIMARÃES

Director e Editor — **Antonino Dias de Castro**  
Chefe de Redacção — **Euclides Sotto-Mayor**

Administração, Comp. e Impressão  
Rua Monsenhor — 575 E



## A CRUZ

Semana Santa, semana da Cruz. Cruz de ignominia para o velho mundo. Cruz de redempção para o mundo novo. Mundo

que se afundou nos escombros da devassidão e do crime, mundo que surgiu da pura moral de Jesus. Cruz conquistada no sermão da Montanha, doce como um sorriso do ceu, consoladora como uma benção de perdão, cheio de esperanças, como o paraizo da eterna felicidade.

.....  
Bemaventurados os que choram porque elles serão consolados. Bemaventurados os que têm fome e sede de justiça, porque elles serão fartos.

.....  
Cruz, symbolo do martyrio, Cruz, symbolo de gloria. Firme na rocha escarpada do Golgotha, o toso madeiro, que a soldadesca romana

na preparou, zombando, para o supplicio do Justo, é arvore santa que fructifica ha dezenove seculos.

Regou-a o sangue do martyr, as suas raizes não secam. Podem os cataclysmos da natureza derrubar os monumentos mais imponentes que o cinzel do artista tem esculpido e perante os quais o mun lo culto se aj elha, saudando o genio. Este, a Cruz, fica firme, inabalavel, perante as tempestades da natureza e as revoluções dos homens.

Estas passam, e Ella fica. *Ave, Cruz!*

O teu tronco crava-se na rocha inabalavel junto á qual estava a Mãe dolorosa. E' o «Stabat Mater lacrymosa» que a firma á terra. O teu cimo, onde pousara o rosto, tristemente suave e meigo do louro Nazareno, e que lhe ouvira as consoladoras palavras ao bom lado : *hodie mecum in paradiso*, hoje estarás commigo no paraizo, toca o firmamento como esperança unica, prende-se ao ceu como vida eterna.

Os teus dous braços, que se abriram para estreitar a humanidade n'um santissimo amplexo de Paz e de Amor, de Igualdade e de Justiça, hão de estender-se de polo a polo, de Oriente a Occidente, até aos mais reconditos logares da terra.

Cruz dos opprimidos, Cruz de Justiça, Cruz de Fraternidade, Cruz de Caridade.

A Arte tem-te prestado culto, fazendo-te radiante e luxuosa, cinzelando-te em marmore, filagranando-te em ouro, fundindo-te em prata, cravejando-te de pedras preciosas, de diamantes e rubins, de saphiras e de esmeraldas.

Mas não és nem mais formosa assim, nem mais santa, nem mais sangrenta de martyrio, nem mais cheia de

## A CRUZ

Um braço aponta o Poente,  
Sol que morre—Escravidão!  
Outro aponta o Oriente,  
Sol que nasce—Redempção!

Sobre o tronco do madeiro  
O Justo martyrisado,  
Que remira o mundo inteiro  
Das maldições do Passado!

Envolve-o o sancto Sudário  
Mortalha da immensa Dór!  
Firme á rocha do Calvário  
E' Igualdade, é Paz, é Amór!

BRAULIO CALDAS

esperança, nem mais edificante, nem mais redemptora

E's sempre a Cruz que a sentença d'um juiz covarde, como Pilatos, mandou levantar para supplicio de um condemnado, e que o sangue innocente do Justo transformou em Cruz de redempção divina.

Quer te eleves triunphante no altar-mór de magestosos templos, ou encimando a cúpula de imponentes cathedraes; quer te ergas ennegrecida pelo tempo e coberta de hera, junto á ermida da aldêa, ou sobre a camparasa de um pobresinho, és sempre a Cruz, que representa o toso madeiro do Calvario, onde foi crucificado o Homem-Deus.

Foi do alto d'ella que Jesus, volvendo os seus meigos olhos para o ceu, e entreabrindo os labios pallidos e sequiosos n'uma supplica de dolorida misericordia para os seus algozes disse:

«Pater, dimitte illis: non enim sciunt quid faciunt».

Pae perdoae-lhes, porque não sabem o que fazem.

Ave, Cruz. E's a Dór, epopêa immensa do Calvario.

E's a Alleluia, cantico do ceu.

BRAULIO CALDAS

## BOAS-FESTAS

A todos os seus presados colaboradores, assinantes, anunciantes e amigos, deseja o «Noticias de Guimarães» alegres e felizes festas nesta Páscoa de 1932.

## P Á S C O A

Ao Sr. Jerónimo Sampaio

Manhã radiosa, manhã fulgente!  
Tocam os sinos festivamente...

E da igreijinha branca e modesta,  
Com ar radioso de sonho e festa,

O venerando senhor Reitor,  
D'alma festiva, risonha, em flôr,

Com apressado, ritmico passo,  
Sai com os homens para o Compasso.

A' cruz de prata, que ao sól flameja,  
Pega o risonho Manuel da Igreja.

A' caldeirinha da água benta,  
Com sua ópa de côr sangrenta,

Pega o bondoso senhor Joaquim.  
E á campainha, tlim... tlim... tlim... tlim,

Pega um garôto, d'opa encarnada,  
Que não se cansa com a maçada...

Como estas festas não causam danos,  
São quási os mesmos dos outros anos!

E, todo o santo, festivo dia,  
Correm as casas da freguesia

Levando a todos o bom Jesus  
Resplandecente na sua cruz.

E os bons freguêses, velhos, creanças,  
Todos risonhos como esperanças,

Depois de Cristo terem beijado  
Lançam-lhe flores, como a um noivado...

Então ha risos e of'recimentos:  
—«Não tomam nada? Só dois momentos...»

O vinho espuma—«Vá, uns biscoitos!»  
E-aos ajudantes, todos afoitos,

Com módo afável e paternal,  
—«Vamos, cuidado, não faça mal»—

Volve o bondoso reitor amigo  
—E todos êles partem consigo.

\* \* \*

Tarde formosa, primavera.  
Cantam as aves hinos d'Abril!

E o venerando senhor Reitor  
D'alma d'arminho, risonha, em flôr,

Recolhe á igreja, felis, contente.  
Tocam os sinos festivamente...

De manso a noite cai sôbre a aldeia...  
Brilha, entre os astros, a lua cheia!

Do livro inédito  
«Musa Aldeã»

Euclides Sotto-Mayor

Sem monóculo...

## O ponto principal da questão

Quando o Sr. Vereador das Obras falou em *casas económicas*, ao mesmo tempo que me expunha, em ligeiros traços, o quadro misérrimo das tristes habitações das classes pobres em Guimarães, desde logo depreendi que havíamos abordado o ponto principal da questão. Como destruí, rapidamente e afoitamente, essas lúgubres mansardas que por toda a cidade se espalham, aglomerando em seus acanhados e sombrios interiores, onde por vezes o sol não penetra e o ar não leva um pouco de higiene sem primeiramente edificar os necessários bairros que comportem os seus moradores? Para que falar-se mais em arrazar imundos casebres, que não só conspiram contra a boa estética da cidade, mas, muito particularmente, contra a saúde e a moral pública, pois dêste mal resulta um degradante cortejo de misérrimas, que vão desde a propagação da tuberculose à corrupção dos costumes? Evidentemente que onde se albergam, em alarmante confusão, muitos membros de várias famílias, necessariamente elas hão-de viver em permanente desordem e demoralizador convívio. E' o que sucede, infelizmente, aqui.

Por diversas vezes, e durante a administração de muitas vereações municipais, se tem discutido este caso: —construir casas baratas. E até hoje essa urgentíssima medida ainda não foi nem sequer medianamente resolvida. Porquê? Se todos reconhecem o quanto é inadmiável este problema, porque se não procura solvê-lo imediatamente?

—A Câmara (responde o Sr. Saraiva) não dispendo de verba suficiente para tal empreendimento —a não ser que todos os demais melhoramentos fôsem pôstos de parte—vai tentar um meio para solucionar esta questão, o qual se não produzir bons frutos, será motivo para desacreditar dos bons sentimentos daquêles que algo podem fazer em benefício dos outros —sem, aliás, se prejudicarem a si mesmos. Em Guimarães é muito raro construir-se um prédio, uma simples habitação, quanto mais uma série de casas para alugar a gente pobre, aí por 20 ou 30 escudos mensais, que é quanto poderá dar, em geral, um operário!

Assim é, com efeito. Em Guimarães vê erguerem-se as paredes dum edificio, pequeno que seja, é um acontecimento tão notável como deveria ter sido levantar, outrora, as pirâmides no Egipto! E dá-se o caso estupendo que mesmo aquêles que, um dia, tiveram êsse desejo e depois o realizaram, quando a obra chega talvez a meio, já o seu dono está arrependido de a ter principiado... Como se explica isto? —Mistério!... Abrem-se novas ruas, outras se prolongam em diversas direcções, mas casas não se fazem: ficam eternas ruas silenciosas, onde se despeja entulho a todas as horas, as galinhas debicam as hervas que crescem à vontade e os namorados, *mais envergonhados*, conversam miudamente os seus amores. Tal foi a impressão que eu tive, pelo menos, mal puz pé neste lindo Berço. E tanto é verdade as hervinhas cresceram em abundância pelas ruas desta cidade, que eu presenciei uma cena inédita para mim: —uma fila de homens ajoelhados, arrancando pacientemente as hervas que despontavam por entre a calcetaria, numa atitude de peni-

tência! Melhor seria (pensei eu) deixar pastar livremente duas ou três vaquinhas, do que obrigar êsses pobres homens aquela inglória tarefa.

Então o Sr. Vereador enumerou-me algumas dezenas de casas (se tal designação se pode aplicar a tais exemplares) como as que rodeavam o Castelo e se estendiam pela Rua Padre Caldas, travessas entre a Rua Dr. José Sampaio e novo; Paços do Concelho, Rua dos Palheiros, Rua dos Terceiros franciscanos e muitas outras, que sendo muito pitorescas certamente para um bom aquarelista como o Sr. Alberto Sousa ou Roque Gamero, são tudo quanto existe de mais deploravelmente miserável e sujo. Então para que se abrem ruas? Só para passear-se nelas, evidentemente não; é necessário que elas tenham maior utilidade e essa utilidade consiste em adquirir os seus terrenos marginais para a construção de prédios. Não se compreende outra forma. São caros os terrenos? Harmonisem-se os senhores proprietários e concedam-nos a graça de termos de os louvar por se tornarem *amigos dos pobres*. Ah, meus caros vimaranenses, não podemos olhar exclusivamente para a nossa bolsa, sem pensarmos um bocadinho no nosso semelhante! Ele também precisa de viver como nós, embora dentro do apertado âmbito dos seus iniguados recursos.

Não lhes parece isto justo?

JERONIMO D'ALMEIDA

*Oralhas*—A minha ultima crónica trouxe, infelizmente, várias; recordo-me, entre mais, *aclamar* em vez de clamar, etc. Deus nos ajude.

Assina o

(Notícias de Guimarães)

## Fonte de Santa Marinha

A propósito da local que sob este titulo e na melhor das intenções inserimos, no nosso penultimo numero, pede-nos o sr. João Teixeira, do lugar de Berrêdo, da Costa, para publicarmos o seguinte:

«Declaro que a local incerta no ultimo n.º do «Notícias de Guimarães», subordinada ao titulo acima, carece de veracidade.

A Fonte de Santa Marinha, não deixa de existir, nem *ninguém tenta o seu desaparecimento*, antes pelo contrario, fica com o cobro da água. E a prova é que a Ex.<sup>ma</sup> Câmara vai aumentar um fontenário, que será abastecido com a água da mesma fonte. E' esta a verdade. Guimarães, 17 de Março de 1932

João Teixeira»

Não há prejuizo para o publico? Muito bem. E' precisamente o que se pretende e o que sinceramente se deseja.

Agradecemos a boa informação e fazemos votos para que a *canalização Municipal* comporte dentro em breve o dobro da água que o sr. Teixeira tão categoricamente anuncia.

E de resto nós vamos, como nos cumpre, tirar contas a quem nos deu a errada informação de que fomos victimas e que provocou o formal desmentido do sr. João Teixeira.

Não passará sem o nosso reparo. não!

Aqui quer-se tudo muito claro como a água cristalina que brota da Fonte de Santa Marinha.

António de Carvalho Cirne

Sabemos de fonte segura que está de boa saúde o sr. António de Carvalho Cirne que entre nós conta as mais altas simpatias.

Sinceramente nos regosijamos com tão agradável notícia.

## O Enterro do Senhor

LISBOA, 25. (Dos jornais)

Revestiram grande brilho as cerimónias da Paixão realizadas em quasi todos os templos da capital.

PORTO, 25.

(Do nosso enviado especial)

Foi extraordinariamente concorrida a solenidade do Enterro do Senhor realizado ontem na Sé.

O magestoso templo encheu-se por completo de fieis.

BRAGA, 26.

(Dum amigo particular)

Grande multidão assistiu hoje na Sé ás cerimónias de sexta-feira Santa.

As senhoras apresentaram-se de rigoroso luto.

\*\*\*

De Guimarães nada podemos dizer pela razão do nosso reporter ter perdido o pequeno linguado onde escrevera as impressões colhidas, ante-ontem, na Igreja da nossa velha Colegiada.

Disse-nos, porém, o mesmo noticiariista que o *Enterro do Senhor* foi um pálido reflexo das solenidades ali realizadas em tempos ainda não muito distantes.

Um pálido reflexo!

Bem sabemos que lhe falta agora o cabido, do qual resta, tão somente uma veneranda reliquia, o Rev.<sup>o</sup> Conego Alberto da Silva Vasconcelos, que toda a Guimarães respeita e admira.

E falta sobretudo,—porque não dizê-lo?—não a boa vontade do clero mas a daquêles que podiam contribuir para êstes actos do culto católico.

E mais não disse o nosso reporter... e se disse fica para nós...

## Orações

SONETOS

de Euclides Sotto Mayor  
PEDIDOS à Redacção deste jornal

## Pela Câmara

A Câmara, em sua sessão de sábado, resolveu enviar telegramas de felicitações aos snrs. ministro do Comercio e Eduardo Piçarra, pela inauguração solene das obras do Porto de Leixões, e abertura da linha directa, entre o Porto e esta cidade.

Delibrou conceder o subsideio de 2.300\$00, para a reparação do caminho que, na freguesia de Silvarês, parte do logar da Carreira, por Santa Apollonia até Senães.

Resolveu que, no primeiro oitavamente suplementar, se inscreva a quantia de mil escudos, para pagamento á S. cidade Martins Sarmiento, pela diferença entre a quantia recebida por esta e o subsideio respectivo.

Delibrou que os cantoneiros municipis trabalhem pelo mesmo horario dos cantoneiros do Estado.

Resolveu mandar executar 26 colunas pequenas e 4 grandes, para os candieiros da iluminação publica da vila de Vizela.

Concedeu 100\$00, para reparação de um fogão destinado ao aquarteamento da Guarda Nacional Republicana, desta cidade.

Aprovou o projecto de um ramal de canalisação de agua com fontenario e boca de incêndio, na rua Joaquim de Freitas Ribeiro de Faria, da vila de Vizela.

Ficou inteirada no balanço do cofre municipal, respeitante á semana finda, em 12 do corrente, acusan o os seguintes saldos:

Em depósito na C. E. P., 190.000\$00; em dinheiro no cofre, 11.683\$39. Total, 201.683\$39.

## Consórcio

Pelos sagrados laços do matrimonio uniram-se, no passado dia 13, o nosso estimado conterrâneo e professor da Escola Industrial de Viana, sr. Amadeu José de Almeida, com a sr.<sup>a</sup> D. Tereza de Jesus Rorigues, professora do ensino primário no Asilo de Santa Estefânia.



## Um Judas

Oh! Judas!... Eles são tantos!...

E não se turvam ante nossos prantos,

Nem ouvem a nossa dôr!

Cobardes, não imitam o primeiro,

Nem fazem, no momento derradeiro,

Justiça ao grande traidor!

Um Judas p'ra cada Cristo...

(Lei cruciante e rude ao mundo imposta)!...

—Cristos bastantes, como tenêdes visto!

—Judas verdadeiras hordas!...

Se êles aproveitassem as figueiras

la sêr, nestas horas tam falheiras,

Comerciante de cordas!

## Pão de Ló de Margaride

de Leonor R. da Silva, encontra-se à venda na Antiga Casa Barroso, de Braga & Carvalho, ao preço da fábrica.

Amendoas e bombons em caixas para brindes, assim como outros artigos próprios para brindes

## Primavera

Principiou há dias a Primavera. Para quem tem vinte e poucos anos, como eu tenho, e uma alma sonhadora, sedenta de luz e de alegria, a Primavera é qualquer coisa de impressionante, de muito querido e desejado.

Eu amo a Primavera, porque é na sua quadra ridente, cheia de luz e de sol, que as flores desabrocham por toda-a-parte, restituindo aos jardins a graça, a frescura e o encanto que no Inverno perderam, dando aos lugares mais tristes e solitários um pouco de poesia e de suavidade.

As almas também a Primavera traz um advento de alegria e de optimismo, principalmente áquelas que sabem compreender e sentir a Natureza, alegrando-se com as suas alegrias e sofrendo com as suas dores.

E' que a Natureza também ri e chora, canta e soluça, como se tivesse uma alma.

Um dia primaveril, cheio de luz e de som, o que é senão um sorriso, um limpo e cristalino sorriso da Natureza?

A chuva, caindo lentamente em tardes cinzentas de tédio, o que é senão lágrimas cristalinas de uns olhos que choram de tristeza?

O cântico das aves e os soluços dos pinhais fazem-nos lembrar extraordinários concertos de uma orquestra celestial e as lamentações de Jó ou os gemidos do Inferno macabro de Dante...

E' por isso que o Outono com os seus poentes franjados de liláz e com o seu ambiente de tristeza e de abandono, fala de tal modo á minha alma que quando oiço o murmúrio dolente duma fonte ou os gemidos nevróticos do vento, julgo ouvir versos de António Nobre e de José Duro.

Por sua vez um dia esplendido de Primavera, com cânticos festivos e luz a jórros inundando tudo e dissipando todas as sombras, faz-me lembrar uma página optimista de Marden ou uma canção alegre nos lábios vermelhos duma rapariga.

São assim as almas emotivas. Cantam quando a Natureza canta, choram quando a natureza chora.

E' tão forte esta verdade, que, hoje, apesar da Primavera ter feito já a sua entrada triunfal, eu sinto a alma cheia de profundo tédio e o coração contrangido de imensa tristeza.

E' que, apesar de estarmos na Primavera, o sol ainda não rompeu a densa camada de nuvens que nos esconde o azul do Firmamento. Além disso, no ar perpassa uma tristeza indefinida, como se no templo grandioso da Natureza as aves andassem a chorar a Sexta-feira da Paixão!

Sexta-feira Santa, 1932.

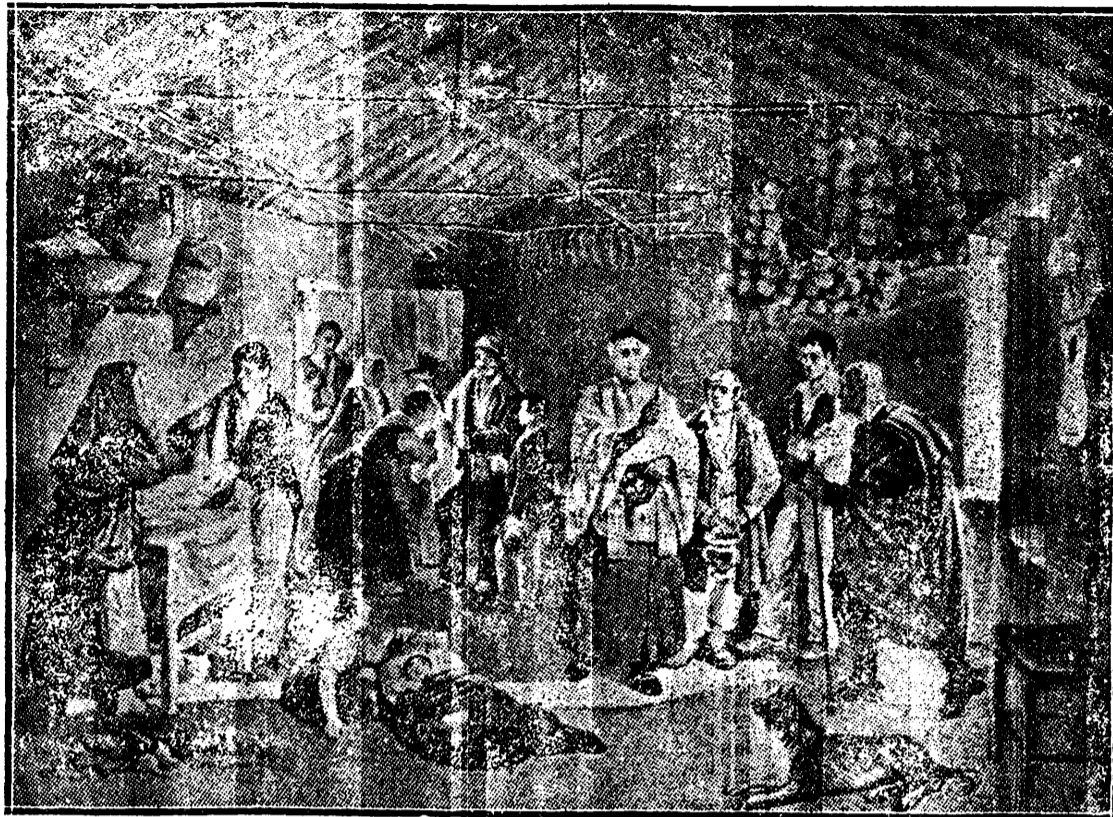
Maria de Guimarães.

## Avenida Candido Reis

A Avenida Candido dos Reis liberta dos enormes platanos que existiam em toda a sua extensão, pode ser dentro em muito breve uma das mais lindas artérias da cidade.

Só duas coisas, que muito nos impressionam, se conservam e conservarão jámais, tirando-lhe parte da beleza: O *Palácio* e o edifício da Estação do Caminho de Ferro. Quando vermos por terra, como os platanos, estas duas joias preciosas?

## Páscoa florida



« O FOLAR » — Quadro de Augusto Roquemant

O quadro sugestivo que Augusto Roquemant pintara com o título *O Folar*, dá-nos uma ideia exacta do costume religioso e regional da Páscoa minhota de há precisamente um século. A construção e decoração do interior, as figuras e seus trajos, os costumes da oferta, etc., dizem-nos tal como decorria a Páscoa dos nossos bisavós aldeões, simples, original, alegre, bondosa e movimentada como de nenhuma outra existe notícia dentro da boa terra de Portugal.

Não é todavia do quadro do grande pintor português—porque Roquemant, embora nascido na Suíça, é como poucos um pintor essencialmente português—que desejamos falar. Nem desse quadro, que aqui apenas nos aparece como documento, nem de aquêle outro, com o mesmo assunto, que José de Brito pintou num dos mais felizes períodos da sua vida de artista. Como dissemos, o quadro de Roquemant apenas nos aparece nesta página como documento do que era a Páscoa de Guimarães há um século. Tratemos agora do que ela é nos dias que vão correndo.

E' bem certo que a provincia do Minho é a mais tradicionalista

das provincias portuguesas. Aqui, um costume criado com o amor do povo, leva séculos imenso tempo a arrancar. Por falta de evolução que participa da ausência de conhecimento da acção social externa? Não; mas por espirito de uma viva afeição aos costumes criados, tam comuns, aliás, da maneira de ser generosa, alegre, comunicativa que caracteriza as festividades caseiras e públicas do povo da nossa região.

O «Padre aos ovos» chamaram á Páscoa os nossos bisavós; que o pincel emocionado de Roquemant reproduziu; e igual título é aquêle que todos nós igualmente damos á visita pascal que o nosso pároco nos faz, saudando-nos como ministro de Christo nesse dia ultra-extraordinário da Igreja, e dizendo-nos ainda, após a benção, da sua boa vontade de que a nossa família, a nossa casa, e tudo o mais que respeita á nossa vida, sejam obra feliz e de prosperidade, abençoadas por Deus.

No quadro de Roquemant lá está o pároco revestido de sobrepeliz e estola; o rapazote de opa com a caldeirinha; o sacristão, com opa também, conduzindo a cruz da paróquia adornada de flores e cor-

dões de ouro; o mordomo, de niza, recolhendo os ovos; e na casa humilde, entre os cabos de cebolas, os chouriços, a louça de Prado, a viola, o chapéu de palha e a candeia, as gentes da família, uns beijando a santa Cruz adornada, outros preparando a caneca branca para a pingoleta aos camponeses que acompanham o «compasso».

Assim mesmo será no dia de hoje, embora alterada um pouco a indumentária dos civis. Sob este sol de braza com que Deus quiz exaltar o início da primavera, e com o campo florido nas fruteiras moças, nos potes decorativos das varandas, e d'aí até aos matos e azinhos da serra, por toda-a-parte, na aldeia e na cidade, este santo dia de Páscoa florida cantará um hino de amor nos corações humanos e na alma afectiva dos vegetais. Por toda-a-parte as campanhas cantarão. Camélias e alecrim adornarão as portadas. Por toda-a-parte o senhor Abade será bem-vindo. E isto porque, pela infinita generosidade de Deus, dando cor própria e caracter próprio á nossa terra e á nossa gente, está agora decorrendo o mais minhoto e florido e característico dos dias da provincia nossa Mãe.

## BILHETES POSTAIS

Leitor amigo.

Em matéria de instrução, também Guimarães não fica a dever nada ás mais adeantadas terras do país. A Sociedade Martins Sarmiento, a Escola Industrial de Francisco de Holanda, o Liceu de Martins Sarmiento com a Escola Académica no mesmo edificio — um Internato modelar, as Escolas Centrais, as Escolas da Ordem de S. Francisco, o Colégio do Campo da Feira, as Oficinas de S. José e o Asilo de Santa Estefânia, são estabelecimentos dignos do nosso repêro, para louvarmos a sua existência e para considerarmos o quanto de benéfico para a instrução, se tem instituído em Guimarães.

Algumas destas casas são de caracter benéfico e instructivo ao mesmo tempo, o que mais valor vem dar á sua acção. Entram nesta categoria a Cantina Escolar das Escolas Centrais, as Oficinas de S. José e o Asilo de Santa Estefânia. Para estas chamamos a atenção das pessoas bondosas da nossa terra ás quais a fortuna tem sorriso, de fórma que do seu bolso auxiliem tudo quanto em Guimarães representa caridade e ensino. Homens ricos de Guimarães!

## Causa espanto

Na casa onde Sarmiento—o grande sábio—nasceu, naquela casa abandonada que ali se ergue no Largo 1.º de Maio, deparamos há dias—com que espanto!!—com um pecegueiro saindo duma barrica, que, qual vaso de mimosa planta, ornamenta uma janela...

Isto na casa onde Sarmiento—o Imortal Sarmiento—nasceu.

Protegi as escolas e os asilos, contribuí para o derramamento da instrução e da beneficencia, para que nunca se apague no coração dos vimezanenses, o amor aos princípios morais que foram sempre os pergaminhos de nobreza da nossa querida terra. Quereis fazer bem? Podeis fazer bem? Reparai, com o coração nas mãos, nas instituições que estão fundadas e que vivem com poucos recursos.

Os vossos nomes só serão imortais, desde que fiquem ligados ás casas de caridade e de instrução.

Do teu amigo

Z E R O

Este número foi visado pela Comissão de Censura

## Padre Gaspar Roriz

A Sociedade de Defesa e Propaganda de Guimarães já iniciou a subscrição para a campa privada que ha-de guardar os restos mortais do nosso inolvidável conterraneo.

Também já se iniciou a obra da construção desta jazida tumular, devendo dentro de pouco tempo fazer-se a trasladação.

Aos amigos do querido morto pede a direcção da S. D. P. G. a sua carinhosa colaboração, podendo fazer-se entrega de qualquer dotivo na casa do snr. Benjamim de Matos, ao Toural.

Tratando-se de uma homenagem que honra a nossa terra, é de crer que um impulso de espontaneidade determime o sentimento dos vimezanenses.

## Placas das ruas

Chamam a nossa atenção para o facto de faltarem em várias ruas as placas que indicam os nomes das mesmas.

Ainda há dias, segundo a mesma informação, um «touriste» lamentou esta falta, que, estamos certos, a Ex.<sup>ma</sup> Camara procurará remediar sem perda de tempo.

## AO CORRER DA PENA

Opinião e opiniões.  
A missão deste jornal.  
Páscoa. Gralhas.

Dizia-nos há pouco um amigo: «Não me dizes por que motivo num mesmo jornal se faz a apologia de duas coisas diferentes, ou melhor, porque alguém diz que A. é inteligente e B. não, quando outrem tem dito já que B. é que é inteligente e que A. nao passa dum estúpido?»

A principio achamos disparatada a pergunta, mas depois do nosso amigo nos explicar a que motivo vinha o seu exemplo, mudamos por completo de opinião e aprontamo-nos a responder á sua interpelação.

—E' que — respondemos nós—num jornal independente a ninguém se coarcta o direito de opinião. As opiniões ficam com as pessoas que as perfilham. Pode, muitas vezes, o critério dum colaborador estar em desacôrdo com a direcção do jornal, sem isso constituir motivo de litigio entre ambos...

O nosso amigo calou-se, não sabendo nós, se a resposta lhe satisfizesse ou não.

\* \* \*

Muito embora há pouco tempo ainda iniciássemos a nossa colaboração neste jornal, desde a sua fundação que acompanhamos a sua obra grandiosa e sincera em defesa de Guimarães

Para realizar essa obra tem o «Notícias de Guimarães» empregado o raro tipo de se alhear de quaisquer influências politicas, procurando apenas bem servir a sua terra e fazendo justiça a todas as pessoas que a merecem.

Os que assim não pensam ou são vesgos ou máus e facciosos.

E como estes constituem uma insignificante minoria, o «Notícias de Guimarães» continua a singrar, cada vez mais firme e altaneiro, num mar bonançoso e felis.

\* \* \*

Para *ganhar simpatias*, porque um jornalista precisa de se tornar simpático aos seus leitores, daqui enviamos, a todos os que nos lêem, um sincero cartão de boas-festas.

\* \* \*

E' sempre assim. Quanto mais pobresinhos são os nossos escritos, mais impiedosamente as gralhas os deturpam.

Na nossa crónica passada elas saíram em tal abundância, que deixaríamos para sempre de escrever para jornais, se não estivéssemos já habituados a estes desgostos.

Que o estimado leitor nos desculpe, como nós desculpamos ao revisor.

Aristeu Gonçalves.

## Crónica Desportiva

«Vitória Sport Club» vence  
«Moreira da Maia» por 5 e 2

No penúltimo domingo teve lugar o desafio entre o «Moreira da Maia» e o «Vitória», desta cidade. Com enorme concorrência de público, o desafio interessou pelo conceito em que era tido o grupo visitante, perante os grupos portuenses da promoção, e, não fora a admirável organização dada ao «Vitória» pelo incontestável valor futebolista, hoje Capitão Geral, Constantino, o grupo vimaranense teria a registar mais uma derrota e não um triunfo.

Mas, já aqui afirmamos que Constantino sabe conduzir os seus homens e comanda-os com a autoridade dum chefe, vincando a sua fase progressiva e impondo a consideração das gentes o *team* que representa o seu melhor esforço.

Este jogo, embora cortado de cenas picarescas, próprias do ímpeto com que os grupos se encontraram de começo, dum modo abneuro e cortez desenvolveu-se com geral agrado e com perfeita técnica.

O grupo vimaranense, composto por Adélio, guarda-rédes, Ferreira, e Martinho, defesas, Rita, Constantino e Mário, meios-defesas, Camilo, Virgílio, Velha Paredes e José Machado, avançados, agradou plenamente.

Os pontos para Guimarães foram marcados sucessivamente por Camilo, Paredes, Constantino, Velha e Machado, havendo a probabilidade de aumentar o *score*.

O «Moreira da Maia» marcou 1.º de entrada, e no 2.º tempo aproveitou um *penalty* contra Guimarães.

A arbitragem, primeiramente confiada a Mário Ferreira, que abandonou o campo a meio do 1.º tempo por intervenção—a maldita intervenção do público!—foi entregue depois ao jogador Antonio Freitas, que bem mereceu o epíteto do «anjo da paz» ante o nervosismo que decorria o jogo.

Homens em campo, após o merecido elogio dirigido a Constantino, conhecedor e jogador de grande estilo, gostamos sinceramente da combinação do grupo e não é possível desligar o conjunto que trabalhou bem. Dos componentes do grupo visitante, admiramos a rapidez e o desenvolvimento atlético dos jogadores.

UM ESPECTADOR.

## Secção Desportiva

## EDUCAÇÃO FÍSICA

Com o uso da Ginástica o corpo fortalece-se, torna-se flexível, belo e apto para o trabalho.

J. P. Müller.

Motivos particulares impediram-me, bem contra o meu desejo, de ler mais cedo o «Notícias de Guimarães» de 7 de Março e eis portanto a razão da demora na resposta ao sr. A. F. J.

Começarei por dizer a este senhor, que a diferença de violência nos desportos não é, como julga, tão sensível, a ponto de podermos servir de desportos vulgarmente tomados como *leves*, na preparação para os alcunhados de *violentos*.

O desporto, seja qual for, praticado como deve ser, exige uma preparação ginástica profunda, sem a qual nada se consegue. Como exemplo aponto o *basket ball*, que após a exibição dos franceses no último Portugal-França, deixou de ser por nós considerado, como era até ali, um desporto leve. Na verdade, os franceses mostraram-nos que o *basket*, é tão violento como o *foot-ball*.

Para melhor consolidar o meu ponto de vista, poderia mostrar a necessidade de preparação física para desportos como o *tennis*, *patinagem*, *hand-ball*, etc., desportos que, entre nós tidos como *leves*, atingem entre os estrangeiros um grau de violência considerável, ou melhor, são praticados como autênticos desportos.

O sr. A. F. J., nos exemplos com que pretende justificar o seu método de preparação física, não consegue colher o efeito desejado, porq. e. como vou mostrar, foram mal interpretados, como além disso parecem ter sido as minhas palavras.

Quando afirmei que como preparação para um desporto, não era lógico nem racional que se fôssem praticar outros, não quiz, nem quero reprovar o facto, de uma creatura, fisicamente preparada, praticar mais que um desporto.

Não há porventura indivíduos cursando mais que uma Faculdade?

O que não está certo, é que pelo facto de se cursar ao mesmo tempo, por exemplo, Direito e Medicina, se chegue à absurda conclusão, de que não foi necessária uma prévia preparação intelectual.

Ora os homens apresentados pelo sr. A. F. J., à excepção de

Acácio Mesquita, todos, posso affiançá-lo, sofreram uma aturada preparação ginástica, antes de praticarem os desportos em que se evidenciaram. Tavares Crespo, confessa-o num folheto que publicou há anos, e a esplêndida *forma* em que se encontrou, confirma-o plenamente. E' natural que Crespo, com a boa cultura física que possuía, se dedicasse a mais que um desporto.

No mesmo caso de Crespo estão: Salazar Carreira, Geo André e os Uruguaios.

Salazar Carreira, como médico que é, não podia deixar de atender a uma cuidada cultura física, que na realidade possui, antes de entrar na prática dos desportos. De resto, é precisamente este um dos pontos mais em fóro nos seus livros e artigos.

Geo André, orgulho da raça latina, nunca teria aos 35 anos obtido a classificação de 4.º em 400 metros barreiras, nos Jogos Olímpicos de Paris, se adotasse como meio de preparação física a natação, ou outro qualquer desporto.

Conheço o método de treinos de Geo André, principalmente no que diz respeito á preparação de *sprinters* e nele se raduz, duma maneira flagante, a atenção que o olímpico Gaulês dedica á Ginástica, como único meio de preparação. Vem a propósito além disso observar, que a natação é precisamente um desporto incompatível com o atletismo.

Quanto aos uruguaios, não é preciso ter grande prática de desportos para ver claramente que é tão impossível obter 11 segundos nos 100 metros, educando o físico pelo *foot-ball*, como alcançar o campeonato do mundo de *jeu*, apoiando a preparação exclusivamente no atletismo. Devo notar, todavia, que o atleta geralmente e contra facilidade na prática de outros desportos, precisamente pela grande preparação que o atletismo requer.

Resta-me falar de Acácio Mesquita, que é um belo exemplar que posso adotar para fortalecer as minhas afirmações.

A. Mesquita, é dos homens com qualidades mais excepcionais para a prática dos desportos, que imaginar se pode. Enternha, contudo, do mal comum a quasi todos os nossos desportistas: a falta de cultura física e regimen de treino. O que ele consegue, não é nada comparado com o que poderia vir a fazer, se adotasse uma educação física racional e um regimen metódico. Estou certo de que, se Acá-

## DESPORTOS

V

Vai-se desfazendo, felizmente, a densa neblina que obscurecia o futuro da cultura física em Portugal. Essa névoa que encobria aos incrédulos os benefícios da cultura do corpo, desaparecerá com a brisa do bom senso, que ultimamente se nota no nosso País. O interesse que actualmente se vai criando, com as iniciativas inteligentes em prol da educação física nacional, vai captando os homens cultos, que, pugnando pelo interesse da raça, demonstram assim que o desporto não é uma brincadeira de rapazes. Não, senhores incrédulos, o desporto não é um passatempo da mocidade irreflectida. O desporto é uma coisa mais alta, do que a simples ideia que a vossa inteligência incrível e tantas vezes insultuosa, crê, ao vêr os malucos (como dizeis) a correr e a saltar, a fazerem-nos sorrir quando os vêr

em qualquer outro país, onde os desportistas se preparam, seria a esta hora uma estrela de primeira grandeza, no firmamento desportivo mundial.

Queria ainda referir-me á preparação a aplicar aos jogadores vimaranenses, porém, como já vou sendo bastante longo, ficará este assunto para depois.

Finalmente é ainda como resposta ao Sr. A. F. J., transcreverei o seguinte período dum artigo publicado na «Stadium», da autoria do Sr. capitão Dr. Leal de Oliveira, formado em cultura física pela Universidade de Gand:

«Como complemento da Ginástica racional no fim da adolescência e na idade adulta, em determinadas condições de aude, estão os desportos, quando realizados como meios de desenvolvimento e de sábia distracção».

Guimarães, Março de 1932.

J. M.

esbracejar metodicamente um lição de ginástica e a melindrar a vossa moralidade com seus fatos curtos e apropriados. Sobre o desporto, se tem escrito muita coisa, o suficiente para desenraizar destes cérebros as ideias mesquinhas e antiquadas, com que encaram a marcha do progresso no que tem de mais útil e benéfico. Neste momento, não posso deixar de transcrever o que sobre desporto escreve, um dos melhores escritores portugueses, Mário de Figueiredo. «O desporto que, no dizer de Pascal, constitui o capítulo maior da medicina, é hoje em todo o mundo objecto de grandes atenções, preocupação de carinhosos desvelos da parte das élites que v em, nessa função, um elemento de vitalidade, de aperfeiçoamento e desenvolvimento intelectual». Não é nem pode ser olhado com desdém ofensivo, quem sobre o desporto isto escreve. Já vêem, senhores incrédulos, porque é para vocês o artigo de hoje, que o desporto não é assim uma coisa vaga, sem geito, coisas da mocidade, brincadeiras, palhaçadas... Habitai-vos a vêr a cultura física como uma necessária utilidade, educai os vossos filhos nos seus princípios, e acabei para sempre com essa frase tão ridicula no meio da sociedade actual, quando se encontram duas mãs que se desconhecem.

«—E' seu filho?» Sim, minha senhora. E' tão pálido, tão franzido! E a mã com um ar la nechas, u na lágrima ao canto dos olhos, responde: E' muito traquinho! E a outra, com um sentimento de hipócrita compaixão, afaçando os cabelos do herói, retruca com a frase do costume: coitadinho!! E a mã despede-se contente e feliz, por o seu pimpolho ter fei o compadecer aquela senhora, sua nova conhecida.

Se o rapaz fôsse forte, peito desenvolvido, busto

## HONRA DE CAMPONÊS

por Euclides Sotto-Mayor

V

Já lá ia quasi uma semana e o bonloso tio Domingos não descobria á filha a mais pequena melhora.

Lá febre não tinha, graças a Deus; mas aquê fastio que não lhe deixava entrar nada á boca, aquelas dores do lado, principiavam a inquietar o velho.

As visinhas propozeram que o melhor era chamar o Dr. Mateus—e o Dr. Mateus não se fez demorado. Acercando-se do leito, acavallando no seu nariz enorme uns óculos anti-diluvianos, vagarosamente principiou a examinar a doente: tomou-lhe o pulso, auscultou-a, e,

depois de um ligeiro exame, pôs-se a olhar para o tio Domingos por cima dos óculos de aros enferrujados.

O tio Domingos, prevenido uma doença grave, apressou-se a tirá-lo dessa situação:

—Está perigosa, senhor doutor?

—Perigosa... perigosa... não está,—respondeu o Dr. Mateus numa indecisão.

—Mas está mal?

—Sim... não... quer dizer... mais uma semana de cama... e um mesito de convalescença... e ela já está pronta p'ra outra...

—Mas,—o senhor doutor desculpará,—já me *atembrei* que essa dôr do lado seja um pouco de *fluto*, e um soadoiro bem quen...

—Não... não... — atalhou rapidamente o doutor — a doença é outra... é... outra... sim... não sei se me percebe...

O tio Domingos é que não percebia nada.

A tia Ana, a vizinha que a tratava, foi mais perspicaz:

—Pois *atão* ela, senhor doutor, então ela...

—Ela quê?—perguntou o tio Domingos, cada vez mais intrigado.

—Ela quê?! Enganou-nos até á última, pois o que havia de ser?

—Enganou-nos? Pois *atão* não está doente?

—Está doente, está. Mas,

a doença passa-lhe... *sim* que acabar o tempo —olveu a tia Ana, maliciosamente.

O tio Domingos percebeu do que se tratava. Como se duvidasse ainda do que a tia Ana lhe dizia, interrogou o médico com um olhar ansioso.

—Sim, tio Domingos, vai ser avô, vai ter quem o divirta na velhice—elucidou o médico.

O honrado velho, ao saber assim da desonra da filha, elevou ao rosto congestionado as mãos crispadas de raiva. Depois, os olhos esgazearam-se-lhe e, antes que o Dr. Mateus o podesse evitar, tombou desamparadamente, com estrondo, no sobrado.

O Dr. Mateus acudiu, tomando-lhe o pulso; a do-

ente e a tia Ana já choravam, aflitas.

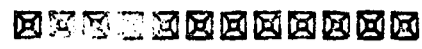
—Está morto, senhor doutor?

O facultativo não respondeu á pergunta. De apertou, com ligeireza, o doente grosseiro do ancão e com um esforço superior ás suas forças, auxiliado pela velhota, conseguiu pôr o tio Domingos sobre o leito. Depois, auscultando-lhe a respiração e tomando-lhe novamente o pulso, murmurou com tristeza, f tando o rictus de amargura que se fixou no rosto do velho:

—Honrado camponês! Tão grande foi a sua dôr, que morreu ao vêr a desonra da filha!

F. I. M.





V. Ex.<sup>a</sup> é apreciador de Chá?

Tome **TY-PHOO**  
chá sem tanino de fino paladar

E' superior aos melhores...  
mas assim como  
o **TY-PHOO**  
é o melhor chá do mundo,  
o melhor café é o d'A Brasileira

Representantes Gerais

Teles & C.<sup>a</sup>, L.<sup>da</sup> -- "A Brasileira" -- Porto

Depositários em Guimarães

Francisco Joaquim de Freitas & Genro

Praça D. Afonso Henriques

TELEFONE, 24



## "A PÁTRIA"

Sociedade Alentejana de Seguros

Seguradora da Associação Central de Agricultura

**Efectua seguros em todos os ramos, incluindo**

**Incêndio - Vida - Desastres no Trabalho**

Reservas em 1971:

Esc. 3.309.830\$64

Sinistros pagos até 31-12-971:

Esc. 19.924.629\$55

(20 mil contos aproximadamente)

Agente em Guimarães:

**Francisco R. de Castro**

Séde em Évora

Delegação de Porto:

Av. dos Alados, 81-1.º

TELEFONE: 4903

Programa "PORPÁTRIA"

Todos os assalariados ou empregados de ambos os sexos no Comércio, Indústria, Agricultura, ou domésticos têm direito, em caso de desastre, a receber dos patrões 2/3 de salário diário: assistência médica, farmacêutica ou hospitalar: pensões vitalícias em caso de incapacidade permanente ou aos seus herdeiros em caso de morte, bem como as despesas de funeral. Todas estas responsabilidades podem ser transferidas para "A Pátria" a prémios equitativos. Contractos especiais por *avença* para a agricultura.

## Camisaria Martins

(A Casa das Meias)

Artigos de bordar, Popelines, Camisas, Chapéus, Calçado, Artigos para brinde, Tapetes, Brinquedos.

A mais completa Casa das Meias. Preços baratos na Camisaria Martins.

## Casa Benamôr

Papelaria, Tabacaria, Perfumaria, Discos, Gramofones, Máquinas e artigos fotográficos, Objectos de escritório, Lotarias.

No Toural, junto ao Café Oriental.

## ALFAIATARIA

# Ribeiro, Filho

9, Largo Franco Castelo Branco, 10

Sortido completo em fazendas para fatos e sobretudos

Telefone, 177

GUIMARÃES

# CASA PIMENTA

33, Rua 31<sup>de Janeiro</sup>, 37

Telefone, 180

## Alberto Pimenta Machado

**As mais recentes novidades em lanifícios nacionais e estrangeiros**

**Colossal sortido em casemiras de Coimbra.**

**Por motivo de balanço grande abatimentos durante este mês.**

**Liquidam-se retalhos de casemiras a preço baratos.**

Querem economisar dinheiro?

Consultem os preços desta Casa!

## Casa das Gravatas

43 - Rua da República - 47

Telefone, 188

GUIMARÃES

CHAPELARIA :: CAMISARIA :: GRAVATAIAR

Completo sortido em meias e peúgas, popelines, malhas, guarda-chuvas, perfumarias, miudezas

O nosso melhor reclame são os nossos preços

## Casa Hig-Life

Filial de BENJAMIM DE MATOS & C.<sup>a</sup>, L.<sup>da</sup>

MODAS E MIUDEZAS

Camisaria, Gravataria, Luvaria. Todos os artigos para bordar. Sempre novidades em tecidos de lã, fantasia e sedas diversas. Sortido variado: Preços reduzidos: Vendas só a dinheiro

450, Praça D. Afonso Henriques, 432 — 1, Rua 31 de Janeiro, 7

Telefone, 280

GUIMARÃES

## Casa Rebelo

FAZENDAS BRANCAS  
E MIUDEZAS

ARTIGOS DE NOVIDADE

ESPECIALIDADE

EM PANOS BRANCOS

117, Praça D. Afonso Henriques, 118

GUIMARÃES

## REDE FORTE PARA VEDAÇÕES

No próprio interesse de V. Ex.<sup>as</sup>, não comprem este artigo sem primeiro consultar o preço porque vende

**A. J. FERREIRA DA CUNHA**

com ESTABELECIMENTO DE FERRAGENS

na Praça D. Afonso Henriques, 38 — GUIMARÃES